

## CLIMATÉRIO: O INICIO DO ENVELHECIMENTO DA MULHER

Layane Raquel Abdias da Silva <sup>1</sup>  
João Paulo da Silva Souza <sup>2</sup>  
Débora Thaise Freires de Brito <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo teve como propósito buscar a produção científica referente ao climatério a fase inicial do envelhecimento da mulher, sua manifestação clínica, enfrentamento e a assistência de enfermagem as mulheres que chegam nessa fase. O estudo foi realizado por meio de uma revisão integrativa, onde foram utilizados como fonte de pesquisa Biblioteca Eletrônica Científica Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na base de dados bibliográficas especializada na área de Enfermagem (BDENF) no período de 2015-2019. Nos resultados foi possível observar a importância do conhecimento acerca do climatério, de como ele acarreta mudanças fisiológicas na vida da mulher e a importância da assistência do profissional de enfermagem no que diz respeito a intervenções de promoção e prevenção de agravos que podem aparecer. Na discussão foram apresentados as manifestações clínicas e os fatores associados, o enfrentamento da mulher perante o climatério e a assistência de enfermagem nesta fase da mulher. Todos esses saberes se fazem importantes diante deste ciclo em que a mulher passa, ressaltando o papel importante que profissional de enfermagem tem diante toda a assistência presta ao indivíduo.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Climatério, Assistência de Enfermagem.

### INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade presente e consolidada mundialmente, aonde uma revolução demográfica vem acontecendo na perspectiva de uma mudança da estrutura da população, ocasionando o aumento da proporção de idosos (FREITAS et. al., 2013).

No Brasil, em meados da década de 1970, observou-se que seu perfil demográfico foi transformado, no qual iniciou o declínio da taxa de mortalidade e logo após, queda na taxa de fecundidade, na qual essa taxa vem reduzindo até os dias atuais, provocando alterações de forma significativa na estrutura etária da população (SOUSA et. al., 2018).

Estima-se que em 2050 a população brasileira seja será de 253 milhões de habitantes, sendo assim a quinta maior população do mundo e a população com 60 anos de idade será

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [abdiaslayne@email.com](mailto:abdiaslayne@email.com);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [jp.paulo06@icloud.com](mailto:jp.paulo06@icloud.com);

<sup>3</sup> Especialista em Saúde da Família e Comunidade, Docente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [deborathaise@hotmail.com](mailto:deborathaise@hotmail.com)

equivalente a 13% do contingente populacional, o que ocasionará em 29,3% (MIRANDA; MENDES e SILVA, 2016; SOUSA et al., 2018).

Destaca-se que o envelhecimento populacional é um dos mais importantes assuntos de mudanças demográficas e sociais, de modo que o envelhecimento deve ser enxergado como uma conquista louvável e ao mesmo tempo como um desafio a ser enfrentado com muita seriedade, tanto na relação no aumento na demanda para os serviços de saúde resultando em um maior ônus para todos os envolvidos, como no despreparo dos profissionais de saúde em encarar e abordar a população envelhecida, pois no geral é um público portador de patologias e muitas vezes múltiplas, que provavelmente, interfere e acomete de modo direto na qualidade de vida desse público (FREITAS et al., 2013).

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres, principalmente as idosas, representam a maior parte da população brasileira (51,70%) e são as que mais procuram os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), o que impõe uma notável e importante característica da população envelhecida ser feminilizada (SILVA et al., 2015; PIECHA et al., 2018).

No decorrer da vida das mulheres existem marcos concretos e definitivos que indicam diversas fases de suas vidas. No processo de envelhecimento não seria diferente, a mulher passa por um relevante marco chamado Menopausa e dentro da menopausa se destaca o Climatério devido ao envelhecimento da mulher. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), é de caráter biológico, onde consiste na transição do período reprodutivo para o não reprodutivo da vida da mulher e acontece por volta dos 35 anos, finalizando-se aos 65 anos (SILVA et al., 2015; PIECHA et al., 2018).

Com o aumento da expectativa de vida das mulheres brasileiras, 72 anos em média, e por se apresentarem em maior quantidade, estima-se que, a população feminina chegue em 5 milhões na fase da menopausa, o que representa um número significativo. Isso implica que o investimento nos serviços de saúde seja maior, devido às complicações que essa fase acarreta, pois por falta de conhecimento, informações e condições financeiras, as mulheres não recebem o cuidado e tratamento adequado ou qualquer tipo de orientação e educação em saúde, resultando em uma má qualidade de vida. (FREITAS et al., 2013).

Por conseguinte, dentro do climatério existem algumas diferenças, na quais são determinadas em: pré-menopausa (período antes da última menstruação), menopausa ou perimenopausa (final da pré-menopausa e início da pós-menopausa, com ciclos menstruais irregulares e alterações endócrinas) e a pós-menopausa (período da última menstruação).

Essas diferenças trazem consigo alterações psicossociais, de ordem afetiva, sexual, familiar e ocupacional, de modo também que existe o aspecto de preconceito da sociedade perante essas mulheres, pois como é caracterizado como o fim do seu período reprodutivo, impõe como o fim da sua vida útil, como se a vida da mulher terminasse junto com a sua fecundidade. Com isso as mulheres muitas vezes, ainda hoje, vivenciam o climatério com poucas informações, resultando em um mesclado de constrangimento e curiosidade das mesmas (SOARES et al., 2019).

Frente a esta realidade demográfica e a essa condição que a mulher perpassa, a assistência de enfermagem ao climatério tem papel importante e autônomo na conexão da saúde reprodutiva e/ou coletiva da mulher. Os enfermeiros devem ir à busca por um atendimento mais direto, integral e humanizada em suas diferentes etapas e ciclos da vida, como aspectos mais educativos e preventivos, no que concerne ao domínio do enfermeiro (PIECHA et al., 2018).

De modo que o enfermeiro convive diretamente e regularmente com esse público e que as mulheres vivenciam conflitos nessa fase, que está diretamente ligada ao seu envelhecimento, faz-se necessário que esses profissionais de saúde desenvolvam competências e habilidades que lhes permitam conhecer e identificar as alterações advindas desse período, para que forneçam informações adequadas a essas mulheres sobre o manejo dessa condição, visando melhorar sua qualidade de vida.

Nessa perspectiva surgiu o seguinte questionamento: como se desenvolve a assistência de enfermagem a mulher na fase climatérica.

Nesse ínterim o estudo em tela tem por objetivo compreender a relação entre o climatério, o envelhecer e o atendimento dos enfermeiros frente a essas mulheres.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão integrativa da literatura, visto que este método permite à identificação, avaliação e sintetização dos conhecimentos produzidos sobre determinado tema, visando à busca de evidências científicas e o aprofundamento do tema para a prática clínica.

Para elaboração desta revisão foram percorridas as seguintes etapas: escolha do tema, busca na literatura divulgada nas bases de dados eletrônicas, categorização e análise dos

estudos em comum da revisão integrativa, interpretação dos resultados e enfim síntese dos assuntos evidenciados nas pesquisas avaliadas.

Para a busca na literatura inicialmente foi realizada a identificação do tema e a formulação da questão norteadora. Nesta revisão, o tema norteador foi o climatério como início do envelhecimento da mulher. Foi utilizada a seguinte questão norteadora da pesquisa: como se desenvolve a assistência de enfermagem a mulher na fase climatérica.

Para a seleção dos artigos, utilizou-se às seguintes bases de dados: Scientific Electronic Libray Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na Base de Dados em Enfermagem (BDENF). A busca nessas bases de dados teve como finalidade ampliar o âmbito da pesquisa e minimizar vieses.

O levantamento dos artigos foi realizado durante o período de maio a junho de 2019, utilizando os descritores em ciências da saúde: envelhecimento, climatério e assistência de enfermagem, os quais foram combinados por meio do operador booleano AND.

Cumprasse assinalar que foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos na íntegra, disponíveis gratuitamente e eletronicamente, nos idiomas português e inglês, publicados entre o período de 2015 a 2019; foram descartados da amostra: artigos considerados antigos, repetidos e que não respondessem a questão norteadora dessa pesquisa.

A primeira seleção dos artigos resultou em 1.024 estudos (338 na SciELO, 593 na BVS e 93 na BDENF), sendo realizada sua filtração por meio da leitura dos resumos, totalizando 80 artigos. A segunda seleção se deu após a leitura do artigo na íntegra. A partir do cumprimento dos critérios de inclusão e exclusão permaneceram 13 artigos, assim distribuídos: oito na base de dados na SciELO, três na BVS e dois na BDENF.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Das 13 produções selecionadas para o desenvolvimento do estudo, apenas um foi realizada internacionalmente, as outras foram realizadas no Brasil. Constatou-se a equivalência da natureza dos estudos, sendo seis de abordagem qualitativa, três de abordagem de revisão de literatura, dois de abordagem quantitativa, entre os dois um com características adicionais como documental e quantitativo, dois de abordagem mista e por fim, um de abordagem seção temática.

A busca pelas produções foi realizada nas principais bases de dados e para facilitar o entendimento e a visualização dos artigos encontrados para embasar essa pesquisa, foi elaborado o Quadro 1.

**Quadro 1-** relação e características dos artigos selecionados, de acordo com a disponibilidade e utilização. Cuité, PB, 2019.

BASES DE DADOS	ARTIGOS DISPONÍVEIS	ARTIGOS FILTRADOS	TOTAL DE ARTIGOS UTILIZADOS
SCIELO	388	20	08
BVS	593	50	03
BDEFN	93	10	02

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Vários assuntos foram abordados nos artigos que serviu como base para a construção do presente estudo. Entretanto algumas questões em comum foram encontradas e passaram a ser destacadas, como: a definição de climatério, os sinais e sintomas, como as mulheres lidam e se sentem diante das mudanças que o mesmo acarreta e como elas interferem na qualidade de vida delas de forma negativa e por fim, como acontece a assistência dos profissionais para com as mulheres que passam por essa fase.

No que concerne as principais categorias que envolvem o climatério e que emerge esta revisão integrativa, são tratadas a seguir:

***Categoria 1: Manifestações clínicas do climatério e fatores associados.***

O climatério é definido pela transição do período reprodutivo para o período não reprodutivo, que começa por volta dos 35-40 anos e se estende até os 65 anos. Muitas mulheres não se queixam, mas a maioria delas desenvolve sintomas intensos devido à insuficiência ovariana progressiva e pela queda de estrogênio, como por exemplo, irregularidades menstruais evoluindo mais tardiamente para a amenorreia o que caracteriza a menopausa (SILVA; NERY; CARVALHO, 2016).

Existem quatro tipos de estrogênio: o estradiol, estriol, estrona e androstenediona. O estradiol é o resultado da transformação na gordura corporal de pequena quantidade de testosterona que é acompanhado pelo estrogênio, assim com a ação da glândula adrenal mantém a produção dos hormônios masculinos, resultando na mesma transformação em

estrona e estradiol. Essas são as únicas fontes de produção de estrogênio depois do climatério. A forma mais forte de estrogênio é o estradiol, o estrona é considerado mais fraco, porém de grande importância. O hormônio Luteinizante (LH) produz androstenediona, que se converte em estrona, como o estrona é um tipo de estrogênio de baixa potência, resulta em algumas mulheres a necessidade de reposição hormonal. A liberação e a atuação dos estrogênios são por meio da ligação de receptores específicos espalhados pelo o organismo de forma abundante (FREITAS et al., 2013).

Além do mais, o climatério também é caracterizado como um fenômeno endócrino decorrente do declínio dos folículos ovarianos, ocorrendo também à diminuição de progesterona, estradiol e da inibina, que ocorre em todas as mulheres de meia idade. Há a redução das células secretoras e a diminuição dos receptores de gonadotrofinas; aumento da secreção de androstenediona. (FREITAS et al., 2013).

Em relação ao Sistema Nervoso Central (SNC), na unidade que situa o hipotálamo-hipofisário, ocorre a hiperfunção e hipertrofia dos mesmos, caracterizada pelo o aumento dos níveis de gonadotrofinas como Hormônio Folículo-estimulante (FSH) e LH. O FSH se concentra, chegando a ficar com valores 14 vezes maiores e os valores de LH chegam a ser três vezes maiores que no período pré-menopausa (JIMÉNEZ e RINCÓN, 2018).

Clinicamente, as manifestações, associados a essas mudanças podem aparecer de modo momentâneo ou permanente, onde a intensidade das modificações e da maioria dos sintomas que são típicos do climatério é resultante da diminuição dos níveis de estrogênio. Algumas dessas manifestações são representadas por alterações neurológicas, urogenitais, irregularidades do ciclo menstrual, fenômenos vasomotores, distúrbios metabólicos lipídicos e ósseos (FREITAS et al., 2013).

No que concerne às alterações do ciclo menstrual, este poderá se apresentar em menor intervalo entre as menstruações, em menstruações com o fluxo intenso e abundantes, com maior tempo de duração ou em maiores intervalos entre as menstruações, que é a alteração mais comum nas mulheres. Em relação às manifestações neurológicas, estas são caracterizadas por ansiedade, depressão, irritabilidade, mudanças de humor, perda de memória, distúrbios do sono e falta de concentração. Quanto aos fenômenos vasomotores, estes são evidenciados por fogachos, sudorese, palpitações, insônia, calafrios e afins. Ademais, no que tange as alterações urogenitais, estas se configuram por secura vaginal, irritabilidade, dispareunia, disúria, sangramento vaginal, maior frequência e urgência miccional (FREITAS et al., 2013).



Em relação aos distúrbios do metabolismo lipídico, observa-se um significativo aumento do peso nessas mulheres e modificações no padrão de distribuição de gordura corporal, devido à baixa produção de estrogênio sendo este fator contributivo para o desenvolvimento de doença cardiovascular, alterações no perfil lipídico e doenças cerebrovasculares isquêmicas (MEIRELLES, 2014).

As modificações no metabolismo ósseo são variáveis e vão depender das características da mulher como características genéticas, composição corporal, estilo de vida e presença de comorbidades. Dentre as mudanças que podem ocorrer, pode-se explicitar as alterações na massa e arquitetura óssea, onde costumam ser mais evidentes nas regiões da coluna e do colo do fêmur. O que mais se destaca no metabolismo ósseo é a osteoporose, como uma condição crítica na mulher no climatério, por conta do desequilíbrio entre a formação e a reabsorção óssea. Esse fenômeno ocorre devido a queda do estrogênio, que faz com que a atividade dos osteoblastos diminua e a atividade dos osteoclastos aumente, ocasionando a instalação progressiva da osteopenia e a osteoporose, respectivamente. É imperioso destacar que o sintoma mais comum da osteoporose da coluna é a lombalgia, e os sinais mais representativos é perda de altura e cifose. (FREITAS et al., 2013).

### ***Categoria 2: O enfrentamento da mulher perante o climatério.***

O corpo da mulher ao longo da vida reprodutiva passa por várias mudanças, cada uma com sua característica e peculiaridade, no climatério não seria diferente, pois é um período importante na vida da mulher, que traz inúmeras modificações em que essas são influenciadas por causas sociais, culturais e psicológicas, interferindo diretamente na qualidade de vida dessas mulheres que estão passando por esta fase (PIECHA et al., 2018).

A maior parte das mulheres, quando estão passando por essa fase percebem que sua vitalidade está em declínio, a redução do colágeno da pele, a presença e o desenvolvimento de patologias, dores e outros sinais comuns no envelhecimento são características que vem a tona e transformam a vida delas de forma negativa e trazem consigo questionamentos que, provavelmente, interfiram na saúde física e mental (PEREIRA et al., 2016).

Comumente, as mulheres vivenciam esse período de forma isolada, silenciosa e com informações inadequadas e/ou insuficientes. As experiências que marcam o climatério são demarcadas de maneira singular, com segmento de desconforto e sofrimento, resultando em consequências, como o sentimento de medo, ansiedade e dificuldades que levam ao adoecimento e finitude da vida (SILVA et al., 2015).

As mudanças emocionais e psicológicas são as que mais interferem no ambiente social, cultural, familiar, pessoal e nos hábitos de vida dessas mulheres. Grande parte desse público interpreta as manifestações clínicas do climatério como um momento negativo, de tristeza, o que representa possíveis ameaças em sua qualidade de vida (SILVA et al., 2015).

As alterações corporais e estéticas que também são acarretadas por essa fase, também são enxergadas de forma negativa da mesma forma que as outras modificações, acarretando sintomas de sofrimento psíquico, irritabilidade emocional e baixa autoestima, interferindo no bem estar da mulher, contribuindo para que a mesma se sinta insatisfeita consigo mesma. Além do que a sociedade impõe e super valoriza a saúde, a beleza e a juventude (PIECHA et al., 2018).

O envelhecimento feminino é um assunto considerado como um tabu e muito estigmatizado pela sociedade. O corpo feminino é muito cobrado para que se enquadrem nos padrões de beleza e que a jovialidade seja mantida. Isso provoca uma má aceitação, e a tentativa de se adequar a esses padrões de beleza, muitas vezes são frustradas, ao invés de reconhecer que o envelhecimento é algo natural e um processo biológico (PEREIRA M. R. A., 2019).

Vale salientar que o contexto familiar é de extrema importância para o enfrentamento da mulher que vivencia o climatério, destacando-se de forma positiva a afetividade, o carinho e o entendimento para encarar as mudanças constantes de humor causados pelas alterações dos hormônios. Por outro lado, também existem as fragilidades como a falta de escuta e compreensão por parte dos cônjuges, podendo gerar conflitos e mal estar no convívio. Dessa forma, é de extrema valia que os homens sejam envolvidos no processo do cuidado das mulheres para que amenizem e previna mal-entendidos (SOARES et al., 2019).

As mulheres orientadas adequadamente sobre os motivos pelos quais as modificações de seu organismo acontecem, terão sintomas menos acentuados e poderão viver de maneira em que eles não interfiram em sua qualidade de vida, principalmente em relação aos sintomas psicológicos, que é um dos que mais está presente neste ciclo. (PEREIRA et al., 2016).

### ***Categoria 3: Assistência de enfermagem as mulheres no climatério.***

A assistência de enfermagem as mulheres que estão em fase de climatério, tem a qualidade de vida como base norteadora para qualquer intervenção, destacando os aspectos mais relevantes, como as condições físicas e emocionais.



A educação em saúde é considerada como a ferramenta principal e essencial para intervir, especialmente quando se diz respeito a atenção básica, e quando bem trabalhada, proporciona a melhoria da assistência prestada, fazendo com que a usuária tenha participação ativa no seu tratamento, tendo maior resolutividade dos problemas de saúde que podem aparecer (SILVA; NERY; CARVALHO, 2016).

A implantação da atenção à saúde da mulher no climatério implica e necessita de profissionais devidamente qualificados e capacitados tendo em vista que alguns estudos apontam que profissionais apresentam limitações do conhecimento do climatério. Os profissionais devem ser sensibilizados e humanizados diante das singularidades específicas a esse público, uma vez que a educação em saúde, quando aplicada com qualidade, consolida e motiva a autonomia e a realização do auto cuidado das usuárias na vigilância do processo saúde-doença (PIECHA et al., 2018).

Deve-se levar em consideração todas as questões que envolva a saúde da mulher, desde os seus hábitos de vida, à cultura e condição socioeconômica para que o atendimento seja ofertado de acordo com as possibilidades presentes, com intuito de melhoria de sua qualidade de vida (PIECHA et al., 2018).

Os enfermeiros são os profissionais de saúde que estão diretamente em contato com essas mulheres e que mais desenvolvem atividades de educação permanente com as equipes de saúde, sendo esta ferramenta utilizada como um espaço para analisar e pensar sobre a execução da formação e evolução pessoal e profissional dos mesmos e das equipes de saúde, visando à integração multiprofissional, para se trabalhar e desenvolver elementos que maximizem a atenção à saúde da mulher (SILVA; NERY; CARVALHO, 2016).

Muitas mulheres em climatério vivem sem queixas, contudo, outras apresentam sinais e sintomas de grande intensidade e de diferentes formas. Em ambos os casos é de fundamental importância que a enfermagem faça um acompanhamento sistemático, visando à promoção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico precoce através dos exames clínicos e complementares, e o tratamento adequado caso haja algum comprometimento a saúde (SILVA et al. 2018; PEREIRA et al., 2016).

Os profissionais de enfermagem devem se atentar as consequências que alguns tratamentos no climatério podem acarretar, deixando explícito os riscos e benefícios, por exemplo, da terapia hormonal (TH) perante essa condição, a qual pode ocasionar, quando utilizada de forma inadequada, doenças cardiovasculares (DCV), e complicações neoplásicas (FREITAS et al., 2013).

Todas as mulheres devem ser orientadas e aconselhadas pelos os enfermeiros sobre as estratégias de prevenção da osteoporose e das DCV, como estilo de vida saudável, prática regular de atividade física, alimentação regrada, para que suas necessidades contribuam para redução das manifestações. Em relação à prevenção da osteoporose, orientar uma dieta rica em cálcio e vitamina D, recomendando a exposição a luz solar por 15 minutos em média nos horários adequados, com foto proteção. A prática de exercícios físicos melhora o fortalecimento muscular e ósseo, contribuindo também para seu equilíbrio e flexibilidade. Dentre outras orientações, podemos citar a importância do aconselhamento para a cessação do tabagismo, redução do consumo de cafeína e de bebidas alcoólicas, visto que são considerados fatores de risco (FREITAS et al., 2013).

É importante também que a equipe de enfermagem faça a realização e trace um plano de cuidado para promover o bem estar dessas mulheres, com atividades interdisciplinares tanto de forma individual como em grupo, para que se sintam mais acolhidas e possam relatar sua experiência e aflições. Promover práticas de lazer e relaxamento e Práticas Integrativas e complementares (PIC's), também são de extrema importância, uma vez que diminuem e auxiliam no alívio dos sintomas decorrentes no climatério (PEREIRA et al., 2016).

Quanto à TH, conhecida como um dos tratamentos realizados no período do climatério, a qual tem por objetivo combater os sintomas vasomotores, ressecamento vaginal e da pele; impedir alterações na função cognitiva; preservar a massa óssea e estimular a libido (JIMÉNEZ e RINCÓN, 2018).

Ressalta-se que essa forma de intervenção deve levar em consideração situações particulares de cada paciente, sendo recomendada sua utilização quando houver prejuízo significativo na qualidade de vida destas. Os seus riscos e benefícios devem ser colocados na balança, onde a mulher deve compartilhar da decisão do tratamento. Enfatiza-se que a TH dever ser evitada após dez anos de menopausa e 55 anos de idade, visto que há aumento da probabilidade de desenvolvimento das DCV (JIMÉNEZ e RINCÓN, 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo em tela possibilitou compreender a relação entre o climatério, o envelhecer e o atendimento dos enfermeiros frente a essa fase de vida das mulheres, sendo uma análise relevante, uma vez que agrega informações sobre como o climatério pode ocasionar mudanças

significativas de ordem física, social, psicológica e emocional na saúde das mulheres em processo de senescência e conseqüentemente em sua qualidade de vida.

Presume-se que, com o passar do tempo, a demanda das mulheres em climatério será maior, em virtude do aumento da expectativa de vida populacional e devido a condição que existem mais mulheres do que homens no mundo. Nessa perspectiva, é de fundamental importância que os profissionais de saúde, em especial o enfermeiro por estar em maior contato com as mulheres usuárias dos serviços de saúde e ser o profissional que mais desenvolve educação em saúde, tenha a responsabilidade em se capacitar e atender devidamente as mulheres nesse período de vida.

Valendo salientar que o mesmo tem um considerável papel frente à assistência as mulheres em climatério e por isso é de extrema importância que esses profissionais acolham essas mulheres de forma humanizada e holisticamente, permitindo que exponham suas dúvidas e aflições, oferecendo um atendimento voltado as suas necessidades. Ressalta-se também que estes devem estimular o envelhecimento ativo e com qualidade de vida.

Por essas razões, é declarada a necessidade de buscar novas formas de educação em saúde, sem padrões, buscando novos paradigmas e que sejam mais abrangentes direcionadas à saúde da mulher no climatério e que se dê maior ênfase as atividades interdisciplinares, uma vez que muitas equipes multiprofissionais não priorizam seu desenvolvimento.

Ademais, espera-se que esta pesquisa desperte o interesse para o desenvolvimento de novos estudos e afins neste âmbito, pois dessa forma, será possível identificar se os cuidados prestados, nos diferentes contextos, estão sendo satisfatórios diante destas mulheres em processo de climatério.

## REFERÊNCIAS

FREITAS, E. V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

JIMÉNEZ, A. P. T.; RINCÓN, J. M. T. **Climatério e menopausa**. Rev. Fac. Med. (Mex.).Cidade do México, v.61, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0026-17422018000200051&lng=en](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0026-17422018000200051&lng=en)>. Acesso em: 29 mai 2019.

MEIRELLES, R. M. R. **Menopausa e síndrome metabólica**. Arq Bras Endocrinol Metab. São Paulo, v.58, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?frbrVersion=2&script=sci\\_arttext&pid=S0004-27302014000200091&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?frbrVersion=2&script=sci_arttext&pid=S0004-27302014000200091&lng=en&tlng=en)>. Acesso em: 29 mai. 2019.

MIRANDA, G. M.D.; MENDES, A. C. G.; Silva, A. L. A. **O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras.** Rev. bras. geriatr. gerontol. Rio de Janeiro, v.19, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232016000300507&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000300507&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 28 mai. 2019.

MIRANDA, J. S.; FERREIRA, M. L. S. M.; CORRENTE, J. E. **Qualidade de vida em mulheres no climatério atendidas na Atenção Primária.** Rev. bras. enferm. Brasília, v.67, 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/enfermagem/resource/pt/mdl-25517676>>. Acesso em: 01 jun 2019.

PEREIRA, A. B. S. et. al. **Atenção ao climatério realizada por profissionais da estratégia saúde da família.** Rev enferm UERJ, Rio de Janeiro, v.24, 2016. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v24n1/v24n1a08.pdf>>. Acesso em: 29 mai 2019.

PEREIRA, M. R. A. **Corpo feminino e envelhecimento na obra de Lygia Fagundes Telles.** Estud. Lit. Bras. Contemp. Brasília, v.56, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182019000100308&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000100308&lang=pt)>. Acesso em: 29 mai 2019.

PIECHA, V. H. et. al. **Percepções de mulheres acerca do climatério.** Rev. Pesqui. Cuid. Fundam. (Online), v.10, 2018. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-915414>>. Acesso em: 01 jun 2019.

SILVA e GF. et. al. **Influências do climatério para o envelhecimento na percepção de mulheres idosas: subsídios para a enfermagem.** Rev. Eletr. Enf. 2015. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v17/n3/pdf/v17n3a09.pdf>>. Acesso em: 29 de mai. 2019.

SILVA, S. B.; NERY, I. S.; CARVALHO, A. M. C. **Representações sociais elaboradas por enfermeiras acerca da assistência à mulher climatérica na atenção primária.** Rev. RENE. v.17, 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/enfermagem/resource/pt/lil-790961>>. Acesso em: 01 de jun 2019.

SILVA, S. R. S. et. al. **Avaliação do perfil lipídico e socioeconômico em mulheres climatéricas da zona norte de Teresina.** Rev. Nursing, 2018. Disponível em: <[file:///C:/Users/viviane/Desktop/Avaliacao\\_perfil\\_lipidico.pdf](file:///C:/Users/viviane/Desktop/Avaliacao_perfil_lipidico.pdf)>. Acesso em 29 mai 2019.

SOARES, G. R. S. et. al. **O conhecimento produzido acerca de climatério, família e envelhecimento.** Rev. enferm. UERJ. Rio de Janeiro, v.26, 2019. Disponível em: <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-35522018000100405](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-35522018000100405)>. Acesso em: 29 mai. 2019.

SOUSA, N. F. S. et al. **Envelhecimento ativo: prevalência e diferenças de gênero e idade em estudo de base populacional.** Cadernos de saúde pública. Rio de Janeiro, v. 34, n.11. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n11/1678-4464-csp-34-11-e00173317.pdf>>. Acesso em: 28 de mai. 2019.